

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 1 Janeiro - Abril 2025

ARTIGO

CERÂMICAS, CONSUMO E CRIOLIZAÇÃO NA SENZALA DA FAZENDA DO COLÉGIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

Luis Symanski*, Paula de Aguiar Silva Azevedo**

RESUMO

Este artigo discute a variabilidade diacrônica das cerâmicas artesanais provenientes de três espaços da senzala do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes/RJ, e os modos como esses vasilhames se relacionam com outras categorias cerâmicas, como as torneadas e as louças finas importadas, e com adornos corporais. Teorias relacionadas aos bens de consumo são empregadas para discutir as implicações das continuidades e mudanças observadas nos padrões morfológicos e decorativos desses vasilhames, ao longo dos séculos XVIII e XIX, em termos dos ideais de consumo de seus usuários e dos processos de reconfiguração de identidades no interior do espaço da senzala.

Palavras-chave: cerâmicas artesanais; senzalas; consumo; crioulização.

* PhD em antropologia/arqueologia pela University of Florida e Professor associado do Departamento de Antropologia e Arqueologia da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: claudio.symanski@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2652-2697>

** Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Museologia pela UNIRIO e Gerente de Coleções Arqueológicas do Museu Nacional/UFRJ. E-mail: paulaasa91@mn.ufrj.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-4882-1158>

COARSE EARTHENWARE, CONSUMPTION, AND CREOLIZATION IN SLAVE QUARTERS AT FAZENDA DO COLÉGIO, CAMPOS DOS GOYTACAZES (RJ)

ABSTRACT

This study addresses the diachronic variability of coarse earthenware from three spaces of the slave quarters of the Jesuit Plantation in Campos dos Goytacazes (RJ) and the ways in which these vessels are articulated to other ceramic categories, such as turned pottery and refined earthenware, as well as body adornments. The implications of the continuities and changes in the morphological and decorative patterns from the early 18th to the late 19th centuries are addressed by theories of consumption considering the relation between ideals of consumption and processes of identity reconfiguration within the slave quarters.

Keywords: coarse earthenware; slave quarters; consumption; creolization.

CERÁMICA, CONSUMO Y CRIOLLIZACIÓN EN LA SENZALA DE LA HACIENDA DEL COLEGIO EN CAMPOS DOS GOYTACAZES (RIO DE JANEIRO)

RESUMEN

Este artículo discute la variabilidad diacrónica de la cerámica artesanal de tres espacios de los alojamientos de los esclavos (*senzala*) del Colegio de los Jesuitas en Campos dos Goytacazes (Rio de Janeiro) y las formas en que estas vasijas se relacionan con otras categorías cerámicas, como la cerámica torneada y la porcelana fina importada, y con los adornos corporales. Las teorías relacionadas con los bienes de consumo se utilizan para discutir las implicaciones de las continuidades y cambios observados en los patrones morfológicos y decorativos de estas vasijas a lo largo de los siglos XVIII y XIX en términos de las ideas de consumo de sus usuarios y los procesos de reconfiguración de las identidades dentro del espacio de la *senzala*.

Palabras clave: cerámica artesanal; alojamientos para esclavos; consumo; criollización.

INTRODUÇÃO

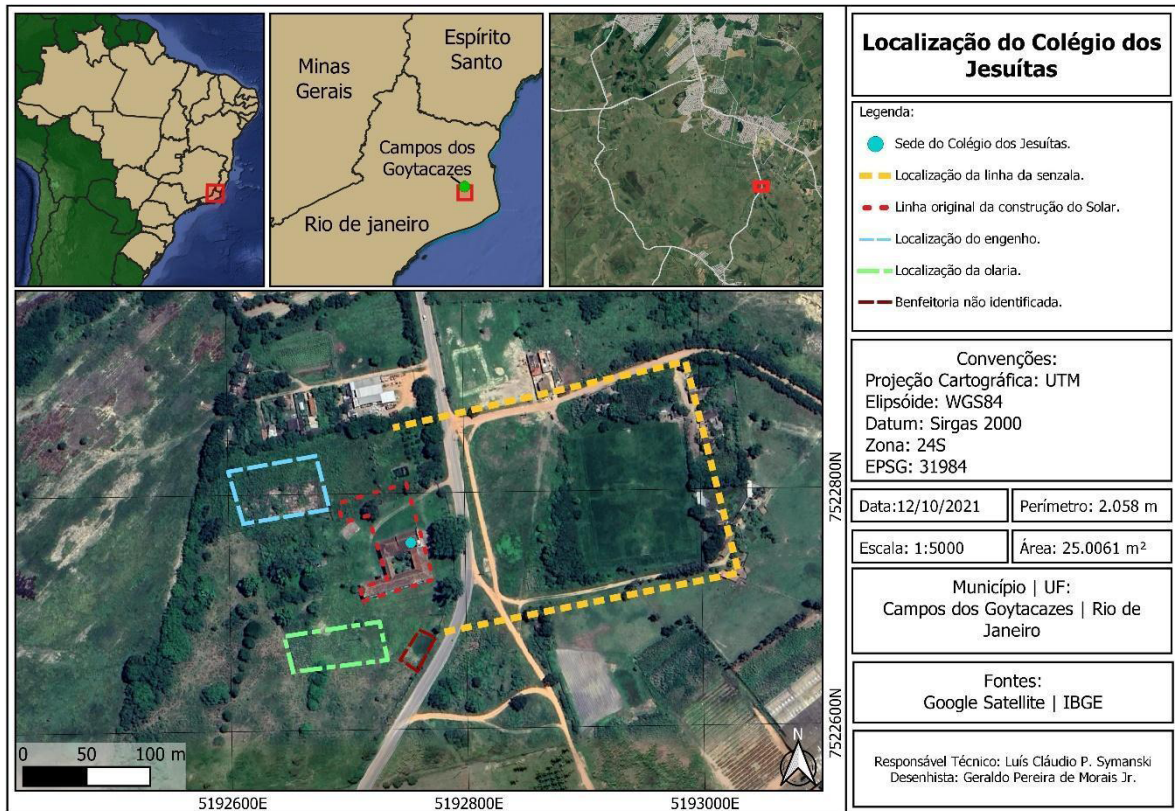
Este artigo tem o propósito de discutir os processos de conformação e transformação da comunidade de senzala da Fazenda do Colégio de Campos dos Goytacazes/RJ, com base na análise da variabilidade diacrônica e sincrônica da cerâmica artesanal presente em três contextos da quadra da senzala. Nesse sentido, é revisitada a análise dessa categoria realizada por Azevedo (2019) em sua dissertação de mestrado, com as cerâmicas artesanais sendo colocadas em perspectiva perante outros materiais, como cerâmicas torneadas (vidradas e não vidradas), louças importadas e contas. Busca-se, assim, obter-se uma melhor compreensão das mudanças e continuidades nos padrões de vida material dos grupos escravizados e das formas como esses padrões se articularam às mudanças nos ideais de consumo e nos processos de reconfiguração das identidades no interior da senzala. Tais processos devem ser compreendidos dentro dos cenários dos encontros coloniais, envolvendo africanos, indígenas e europeus no Novo Mundo, que resultaram na conformação de identidades crioulistas (Gomes; Symanski, 2018). A articulação entre consumo e identidade é feita com base na estrutura conceitual proposta por McCracken (1988), que vincula a memória e os ideais de um grupo à materialidade.

Para o contexto da Fazenda do Colégio, o empreendimento jesuítico uniu, nos séculos XVII e XVIII, indígenas e africanos (Amantino, 2013). Pouco sabemos, contudo, sobre as formas de integração entre esses grupos, exceto pelo fato de que se miscigenaram de um modo tal que seus descendentes eram designados pelo qualificativo de “cabra”. O dado arqueológico, portanto, pode jogar algumas luzes sobre esse processo, dado que a cultura crioulista que esses grupos construíram é evidente nos artefatos de uso cotidiano que foram por eles descartados no entorno das habitações da quadra de senzala.

HISTÓRIA E ARQUEOLOGIA DA FAZENDA DO COLÉGIO DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

O colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (Figura 1) foi fundado em meados do século XVII pelos padres da Companhia de Jesus, que desenvolveram, inicialmente, a atividade criatória de gado, e, posteriormente, o cultivo e processamento da cana de açúcar. Foi durante aquele século que a região de Campos começou a ser colonizada por portugueses e luso-brasileiros, que introduziram o gado e as primeiras iniciativas de fomentar a cultura canavieira. O primeiro engenho foi implantado em 1652, a mando de Salvador Correia, com o uso da mão-de-obra de africanos escravizados (Ribeiro, 2012). A cultura canavieira expandiu-se a partir de então, tornando-se, no século XVIII, a base econômica da região e demandando uma crescente quantidade de escravizados. Como resultado, entre 1785 e 1850, Campos passou a manter uma das maiores concentrações de escravizados do Brasil (Soares, 2009, p. 35).

Figura 1. Mapa georreferenciado de localização do Colégio dos Jesuítas (Fazenda do Colégio) de Campos dos Goytacazes. O pontilhado em vermelho delinea a estrutura remanescente do monastério e a representação da ala destruída. O pontilhado amarelo diz respeito à área da senzala, o azul à área do engenho e o verde à possível localização da olaria. O pontilhado em vermelho é uma estrutura não identificada.



Autor: Geraldo Pereira de Morais Junior.

Com a expulsão dos jesuítas da colônia em 1759, a propriedade passou para o controle da coroa portuguesa. Em 1781, o comerciante português Joaquim Vicente dos Reis arrematou-a. Nessa época, a fazenda mantinha quase 1500 cativos. Também conhecida como Fazenda de Nossa Senhora da Conceição e Santo Inácio, era a maior propriedade existente em Campos (Guglielmo, 2011). Com a morte de Joaquim Vicente em 1818, seu genro, Sebastião Gomes Barroso, herdou a propriedade, mantendo-a até sua morte, em 1843. A partir de então, a fazenda foi passada de pai para filho, tendo os seguintes proprietários: o tenente-coronel Francisco de Paula Gomes Barroso (1822-1892), João Baptista de Paula Barroso e João Batista Barroso. Este viveu na fazenda até sua morte, em 1980 (Lamego, 1934).

Saint-Hilaire visitou a fazenda no ano de 1818, pouco tempo após o falecimento de Joaquim Vicente dos Reis, descrevendo o monastério, então composto por duas alas divididas pela igreja e demais benfeitorias, como uma olaria, uma enfermaria localizada em um espaço mais isolado, o engenho de açúcar e a senzala. Com relação a esta última, ele afirmou que suas casas, feitas de tijolos e cobertas de telhas, conformavam os três lados de um pátio com 360 passos de comprimento por 250 de largura, sendo o outro lado dominado pela igreja e monastério. O engenho de açúcar situava-se próximo ao

pátio. No meio do pátio havia ainda “[...] uma casa, sem dúvida construída pelos jesuítas para recreio dos índios e dos negros” (Saint-Hilaire, 1941, p. 415-416). Ele refere-se, por fim, a “[...] uma fila exterior de casinhas igualmente destinadas aos escravos”, porém cobertas de capim, localizadas atrás das casas que cercam o engenho.

Com relação à comunidade de senzala, esta era composta por 500 indivíduos em 1743, 820 em 1757 e 1435 em 1759 (Amantino, 2014). Em 1785, o número de cativos havia aumentado para 1482, sendo 765 crianças, 340 homens e 377 mulheres (Couto Reis, 2011). O perfil demográfico descrito por Couto Reis é condizente com um padrão de reprodução natural, sem a introdução de novos cativos pelo tráfico, algo atestado pela alta taxa de legitimidade – de pais casados perante a Igreja – dessa comunidade, 77% no ano de 1782 (Faria, 1998). Em decorrência do grande número de nascimentos, no ano de 1796 o número de cativos já se aproximava de 2000 (Guglielmo, 2001). Na época do falecimento de Joaquim Vicente dos Reis, em 1818, foram computados 1924 cativos na propriedade (Oscar, 1985).

A senzala da Fazenda do Colégio estava, portanto, organizada por arranjos familiares desde os tempos dos jesuítas, que incentivavam o casamento e, assim, a reprodução endógena entre seus cativos (Amantino, 2014). Esses arranjos se mantiveram ao longo do século XIX, apesar de ocorrer um sensível declínio no número de cativos, listados em 1500 por Saint-Hilaire (1941) em 1819, e em 1111 no inventário de Sebastião Gomes Barroso, datado de 1843¹. Nesse ano, a senzala era composta por 579 mulheres e 532 homens. Cabe realçar que há uma ausência total de africanos nesse documento, indicando a não introdução de novos cativos via tráfico atlântico. De fato, as informações disponíveis sugerem que não houve introdução de africanos na fazenda pelo menos desde a expulsão dos jesuítas. Isto significa que essa população, já no final do século XVIII, era essencialmente crioula, no sentido de nascida no seio da própria comunidade, sobretudo em arranjos familiares. Essa comunidade se configurou, durante a primeira metade do século XIX, como “uma grande ilha crioula”, nas palavras de Flávio Gomes (2019, p. 55), dado que a presença africana era intensa nas propriedades vizinhas, sobretudo nas fazendas pequenas e médias, que mantinham entre 10 e 40 escravizados.

É importante destacar, ainda, a questão da presença indígena no norte fluminense e na Fazenda do Colégio. Essa região era dominada pelos goitacá, cujo território se estendia das planícies do baixo Paraíba do Sul ao litoral, e que resistiram por quase um século e meio ao avanço português (Couto Reis, 2011). Outras etnias indígenas, a exemplo dos coroados, também ocupavam a região. Pelo menos parte desses grupos teria sido integrada nos aldeamentos jesuítas implantados a partir da segunda metade do século XVII (Dias Junior, 1979). Esses aldeamentos eram assentados próximo aos núcleos portugueses e tinham o propósito de integrar a população indígena, geralmente de diversas etnias, à ordem colonial (Almeida, 2013). É interessante observar que alguns autores, a exemplo de Casal (1817), informam que os coroados seriam constituídos pelos antigos goitacá, o que explicaria o desaparecimento deste último grupo a partir dos registros históricos setecentistas. A considerável presença, na referida listagem de 1111 escravizados da Fazenda do Colégio de 1843, de indivíduos categorizados como “cabras” – denominação que era usual para os descendentes de indígenas com africanos – na proporção de 25%, aponta para o impacto da presença indígena no

¹ Inventário de Sebastião Gomes Barroso. Ano: 1843. Arquivo Público de Campos dos Goytacazes.

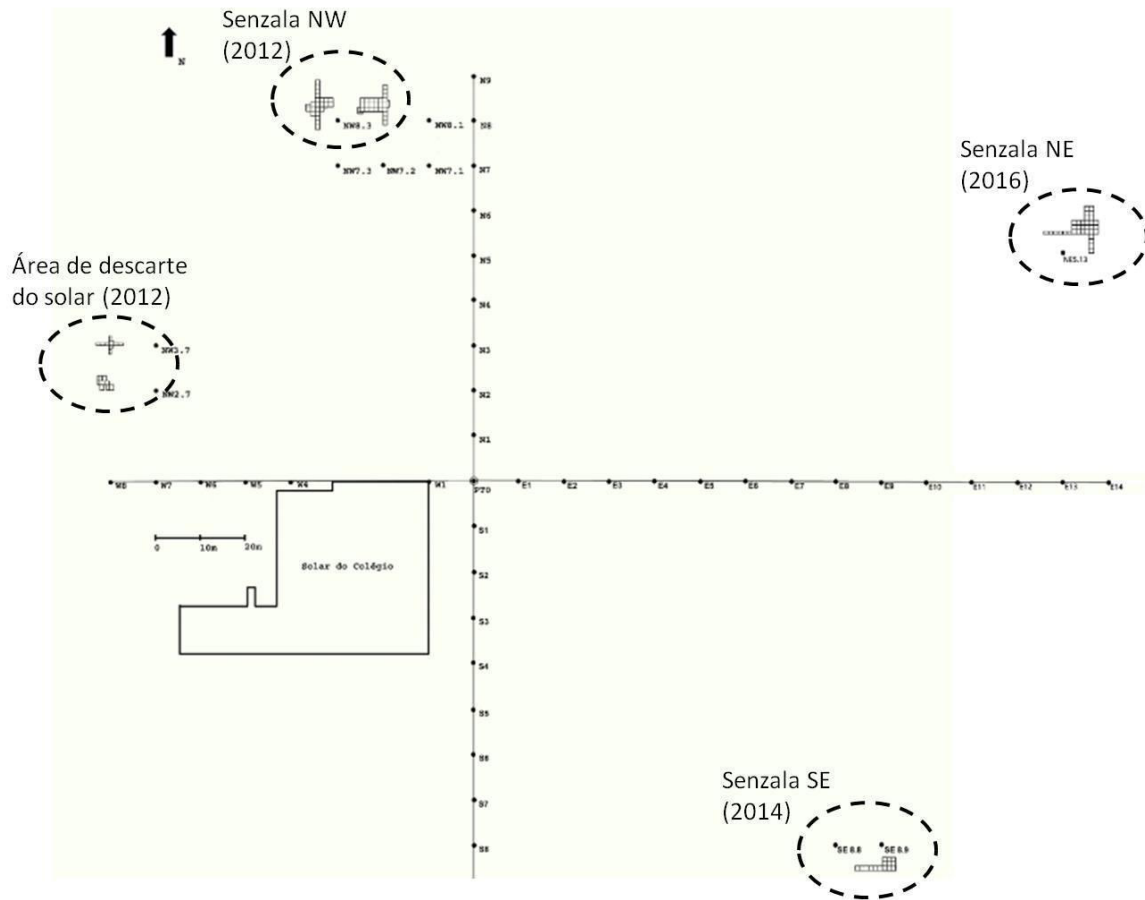
estabelecimento, no período jesuítico (Symanski, 2019a), algo também informado no relato de Saint-Hilaire (1941), e, conseqüentemente, para a miscigenação entre os indígenas e os africanos/afrodescendentes do estabelecimento. Amantino (2014) observa que essas mestiçagens eram comuns nos estabelecimentos da ordem jesuítica no Rio de Janeiro, dado que os indígenas dos aldeamentos jesuíticos também exerciam atividades nas fazendas da ordem.

As pesquisas arqueológicas

As amostras da quadra da senzala provieram de três áreas de escavação, denominadas NW, SE e NE, as quais foram escavadas, respectivamente, nos anos de 2012, 2014 e 2016 (SYMANSKI, 2019b). Na etapa inicial (2012), foram contemplados dois setores: um de deposição de refugo referente aos ocupantes do solar, situado a cerca de 45 metros a noroeste dessa edificação; e o outro, a 80 metros a norte da mesma, referente à extremidade noroeste da quadra da senzala (Figura 2). Nessa área, foram abertas duas unidades de escavação, uma referente a um espaço de uso cotidiano atrás da linha da senzala (unidade leste, NW8.1), na qual foi evidenciada uma estrutura de combustão, e a outra (unidade oeste, NW8.3) consistindo em um espaço destinado exclusivamente à deposição de refugo, o qual era regularmente coberto com fragmentos de telhas. Na área de deposição de refugo do solar, o descarte ocorreu de forma contínua entre o começo e o final do século XIX. Já nas duas unidades da área NW da senzala, a deposição concentrou-se entre o final do século XVIII e o terceiro quartel do XIX. A similaridade do material entre as duas unidades demonstra que o descarte foi realizado pela mesma unidade social, provavelmente um grupo doméstico.

Na segunda etapa (2014), foi aberta uma área de escavação imediatamente atrás do arruamento da senzala a sudeste do solar, denominada SE8.8. Nessa área foi evidenciada, aos 60 centímetros de profundidade, uma estrutura de deposição, denominada mancha preta, escavada no sedimento argiloso e preenchida com refugo. Essa estrutura foi preenchida durante o segundo quarto do século XIX. Os dois níveis imediatamente acima (40-60 cm) foram preenchidos durante o terceiro quarto do século XIX, enquanto os 40 centímetros iniciais estavam bastante alterados pelo arado, apresentando material que se estende cronologicamente, do século XVIII à década de 1980, razão pela qual não foi adicionado nesta análise.

Na última etapa (2016), foi aberta uma área a cerca de 150 metros a nordeste do solar, denominada área NE. Tratou-se de outra área de descarte, com lençóis de refugo sucessivamente cobertos por telhas quebradas, no mesmo padrão daquele presente na área NW8.3. O material foi continuamente depositado entre começo do século XVIII e o começo do XX. Essa área, portanto, é extremamente significativa, por conter registros materiais dos grupos escravizados que ocuparam a Fazenda do Colégio desde o período dos jesuítas até o pós-emancipação.

Figura 2. Planta do Colégio dos Jesuítas, com indicação das áreas escavadas.

Elaboração: Luis Symanski.

Essas três áreas da senzala apresentaram uma significativa amostra arqueológica, composta por 48.392 fragmentos de ossos de animais e 27.648 fragmentos de artefatos cerâmicos, representados por porcelanas, faianças finas, faianças, cerâmicas torneadas simples e vidradas, e vidros. Fragmentos de itens de ferro e de cobre foram também recuperados. A predominância dos restos faunísticos é indicativa de atividades domésticas centradas no preparo e consumo de alimentos (Symanski; Morais Junior, 2016). Ornamentos de vidro, ossos e metal, compuseram uma categoria pouco representativa, porém altamente significativa em termos dos valores e da estética mantidos por esses grupos (Brito, 2023; Suguimatsu, 2017, 2019).

Com relação à metodologia de análise, o primeiro aspecto a considerar é a questão da atribuição de temporalidade às amostras. Nesse sentido, a análise levou em conta o princípio da sobreposição, considerando que, em contextos que não sofreram alteração pós-deposicional, os níveis inferiores foram conformados anteriormente aos superiores. Em áreas sem uma estratigrafia evidente, como a NW, o material foi separado por níveis arbitrários que se estenderam da superfície até a base do depósito arqueológico, cuja profundidade variou entre 50 e 60 centímetros. Devido à ação do arado sobre o nível superior, este foi rebaixado em 20 centímetros, e os demais de dez em dez centímetros. Os intervalos de deposição de cada nível foram estipulados

com base nas características das louças que apresentam períodos bem definidos de datação, considerando a data de produção inicial mais recente de cada tipo em cada nível/camada/feição/estrutura como a mais próxima ao início da deposição. Já a data de deposição terminal levou em conta a data de produção inicial da louça mais recente do nível/camada/feição/estrutura imediatamente acima. A análise para cada contexto demonstrou uma notável coerência cronológica, com os tipos tornando-se sucessivamente mais recentes à medida que os níveis se aproximavam da superfície. Esse padrão somente não se repetiu nos 40 centímetros superiores da área SE, provavelmente devido às alterações intensas promovidas pelo arado na porção superior do solo desta área. A Tabela 1 apresenta os intervalos estipulados de formação dos níveis/camadas/feições/estruturas das áreas da senzala.

Tabela 1. Intervalos de deposição aproximados dos contextos de senzala.

Área NE	
Nível 0-20cm	1850-1930
Feição 1 superior	1825-1850
Feição 1 inferior	1800-1825
Feição 2	1750-1800
Camada III	1700-1750
Área NW8.1	
Nível 1 (0-20cm)	1840-1870
Nível 2 (20-30 cm)	1835-1850
Níveis 3+4 (30-50 cm)	1820-1835
Área NW 8.3	
Nível 1 (0-20cm)	1850-1875
Nível 2 (20-30 cm)	1825-1850
Níveis 3+4 (30-50 cm)	1795-1825
Área SE	
Níveis 40-60cm	1850-1870
Mancha preta	1835-1850

Elaboração: Luis Symanski.

CERÂMICAS ARTESANAIS, ENCONTROS CULTURAIS E GRUPOS SUBALTERNIZADOS NO BRASIL

Cerâmicas artesanais são comuns em sítios históricos nas Américas. Comumente denominadas como *Colonoware* nos Estados Unidos, cerâmicas Afro-Caribenhas no Caribe, e tradição Neo-Brasileira no Brasil, esses vasilhames, apesar de uma grande diversidade regional, apresentam uma série de características comuns, tais como o predomínio das técnicas de manufatura acordelada e modelada, a ausência de aplicação de esmalte ou vidrado na superfície e a queima a baixas temperaturas (Hauser; Decorse, 2003; Singleton; Souza, 2008). Esse material é comum em sítios vinculados à diáspora africana, o que tem gerado uma série de debates sobre a questão da herança cultural africana em sua manufatura e uso e os modelos teóricos apropriados para abarcar a dinâmica cultural da qual essas peças são um produto, tais como os modelos de aculturação, criouliização e afrocêntrico.

O modelo de criouliização emergiu como uma crítica ao modelo de aculturação e sobrevivências culturais africanas proposto por Herskovits (1941). Esse autor defendia que os africanos e seus descendentes nas Américas conseguiram manter níveis variados de retenções culturais de suas sociedades de origem, os quais eram gradualmente perdidos à medida em que se intensificava o contato com a cultura euro-americana. Para Mintz e Price (1992), autores do trabalho mais influente sobre criouliização, o ajustamento dos africanos às condições do Novo Mundo deveria ser analisado como um processo de criatividade cultural por duas razões centrais: primeiro, a grande diversidade cultural africana nos contextos da escravidão teria impedido a manutenção de tradições culturais especificamente africanas; e, segundo, pelo fato de que, na condição de escravizados, os africanos não teriam condições de reproduzir suas instituições originais, sendo forçados a ajustarem-se às instituições europeias transplantadas pelos colonizadores, sobretudo a instituição da escravidão, que ditava muito das suas vidas cotidianas. Novas culturas, assim, precisaram ser rapidamente criadas. Essas culturas teriam como base princípios culturais africanos profundos, os quais teriam garantido níveis gerais de entendimento entre africanos de inúmeras origens. A maioria dos arqueólogos trabalhando em contextos afro-diaspóricos dos Estados Unidos e do Caribe têm analisado as cerâmicas artesanais como um produto desse processo (Ferguson, 1992; Hauser; Decorse, 2003; Heath, 1999; Kellar, 2017; Singleton; Brograd, 2000).

Por ser baseado em uma lógica estruturalista-funcional, o modelo de criouliização deu pouca atenção ao domínio simbólico, dado que o determinante desse processo seria, antes do que crenças, os mecanismos que ajustaram africanos de culturas diversificadas às instituições, e, assim, às estruturas sociais, dos colonizadores europeus. Tais formulações tenderam, desse modo, a subestimar a dimensão da historicidade nas trajetórias de grupos e de indivíduos. Mais recentemente, a perspectiva afrocêntrica reverteu essa lógica, realçando o domínio simbólico como fundamental nesse processo de ajustamento social, e assim destacando a importância da história, da cultura e da memória dos grupos afro-diaspóricos no processo de reconstrução das identidades africanas nas Américas. Tais estudos têm realçado o impacto de regiões específicas da África e de etnicidades africanas em lugares particulares das Américas, retomando, assim, a questão da herança africana, porém examinada dentro de matrizes culturais mais específicas do que aquelas propostas por Herskovits (Hall, 2005; Mann, 2001; Thornton, 1998).

No caso do Brasil, a inserção das cerâmicas artesanais em uma única tradição, a Neo-Brasileira, começou a ser criticada nos últimos vinte anos como arbitrária e uniformizante, pelo fato de homogeneizar contextos que foram caracterizados por diferentes gradientes de diversidade cultural, a exemplo de engenhos, fazendas, aldeamentos indígenas, reduções e núcleos urbanos, e, assim, simplificar os complexos processos etnogenéticos que ocorreram nesses cenários coloniais (Morales, 2001; Souza, 2008; Zanettini, 2005). Nesse sentido, discussões mais recentes têm abordado o papel desse material nos processos de criouliização e reconfiguração de identidades africanas (Munsberg, 2018; Souza, 2015; Souza; Agostini, 2012; Souza; Symanski, 2009; Symanski; Hirooka, 2013) e nos mais amplos processos de transculturação que incluíram agentes não-africanos, incluindo grupos indígenas, portugueses e populações mestiças (Agostini, 2010; Manfrini, 2021; Morales, 2001; Noelli; Sallum, 2020; Symanski; Gomes, 2015; Zanettini, 2005).

A dimensão decorativa e suas relações com símbolos e motivos de populações africanas que compulsoriamente migraram para o Brasil em decorrência do tráfico

Atlântico é um tema que vem sendo explorado desde a década de 1990 (Jacobus, 1997; Manfrini, 2021; Munsberg, 2018; Souza; Agostini, 2012; Symanski, 2012; Souza; Symanski, 2009). As discussões giram em torno das formas como padrões decorativos foram reproduzidos e transformados nos contextos afro-diaspóricos e como podem, por um lado, ter remetido a memórias africanas e, por outro, sido reinterpretados como elementos instrumentais nos processos de conformação de novas comunidades empenhadas na construção de mecanismos de coexistência. Tais trabalhos podem ser enquadrados em diferentes segmentos de um continuum em cujos extremos situam-se o modelo de criouliização e a perspectiva afrocêntrica. Mais recentemente, pesquisas em contextos rurais e urbanos situados entre os séculos XVI e XVIII têm destacado a influência cultural indígena, sobretudo tupi-guarani, realçando tanto processos de etnogênese/transculturação que se deram em decorrência dos encontros entre os indígenas, os africanos e os portugueses (Manfrini, 2021; Mello, 2022; Peixoto; Lima, 2020; Trindade; Souza, 2022), quanto as persistências culturais que se mantiveram na longa duração (Noelli; Sallum, 2020).

Trabalhos focados na morfologia e em aspectos tecnológicos dos vasilhames cerâmicos dos contextos afro-diaspóricos brasileiros são menos frequentes (Azevedo, 2019; Hepp *et al.*, 2019; Souza, 2015; Souza; Lima, 2016; Trindade; Souza, 2022). Souza (2015) faz correlações entre um padrão morfológico comum nos registros etnográficos do começo do século XX no centro e sul de Angola com vasilhames do século XVIII de Goiás e Minas Gerais, regiões que receberam um grande contingente de africanos daquelas regiões de Angola. O autor enfatiza as transformações dessa morfologia – uma forma de contorno composto, com base côncava, corpo ovoide invertido e pescoço cilíndrico – no Brasil, onde a base foi aplainada e adicionaram-se duas asas, alterações que seriam expressivas da interação desses grupos na sociedade colonial e da incorporação de referências europeias. O trabalho de Souza é um exemplo de uma perspectiva balanceada entre os modelos de criouliização e afrocêntrico, enfatizando tanto continuidades culturais quanto mudanças decorrentes dos ajustes à sociedade colonizadora.

Souza e Lima (2016) discutem os aspectos tecnológicos, decorativos e funcionais da amostra cerâmica de um contexto urbano do Rio de Janeiro situado entre o final do século XVII e a primeira metade do XVIII. É destacada a presença de um padrão morfológico de provável origem africana de alta popularidade na amostra enquanto outros se aproximam da tradição portuguesa, demonstrando “uma conjunção de diferentes influências e contatos culturais” (Souza; Lima, 2016, p. 32). Os autores observam que a principal característica do conjunto é a heterogeneidade, com a presença de elementos africanos, portugueses e indígenas, sugestiva da diversidade de sujeitos produtores. Essa heterogeneidade aponta ainda para as inovações que caracterizam a amostra, processadas com base em expressões prévias, mas sinalizando a própria indefinição do processo de conformação de identidades em uma sociedade colonial cosmopolita, marcada pelas relações instáveis com a metrópole (Souza; Lima, 2016, p. 45). Hepp e colegas (2019) analisam a amostra cerâmica de um dos setores da senzala da Fazenda do Colégio (área NW) a partir de uma perspectiva tecno-tipológica, discutindo como esse material articula-se à esfera das práticas cotidianas e alimentares dos grupos domésticos e sua atuação na constituição de um senso de comunidade.

Outro aspecto pouco explorado diz respeito à questão da produção *versus* a comercialização dessas peças. Dias Junior (1988) caracteriza a cerâmica da tradição Neo-Brasileira como um produto local e de consumo familiar. Morales

(2001) sugere uma produção local, a qual tendeu, com a intensificação econômica e o desenvolvimento urbano do final do setecentos, a conviver com núcleos de produção e venda, dada a demanda crescente por essas peças nas vilas e cidades. Zanettini e Wichers (2009) chamam a atenção para essa questão ao apresentarem os resultados da análise composicional de fragmentos cerâmicos do sítio do Capão, em São Paulo, a qual revelou que provinham de inúmeras fontes, indicando a aquisição pelo comércio. Pesquisas mais recentes em núcleos produtores da vila de São Paulo colonial (Manfrini, 2021; Zanettini Arqueologia, 2012) e em São Sebastião (SP) (Agostini, 2011) demonstram que esses núcleos estavam inseridos em redes de comercialização dessas peças que poderiam alcançar centenas de quilômetros. A questão da definição dos conjuntos cerâmicos como localmente produzidos ou adquiridos pelo comércio é fundamental de ser contemplada, dado que se trata de uma informação fundamental para direcionar o rumo das discussões entre a esfera da produção e a esfera do consumo.

Para o caso da Fazenda do Colégio, a análise de Fluorescência de Raio X de amostras das cerâmicas artesanais e das fontes de argila locais indicou que esses vasilhames cerâmicos não foram produzidos na fazenda, mas em dois núcleos produtores, sendo que um desses núcleos também forneceu cerâmicas para a senzala da vizinha Fazenda São Bento, pertencente à ordem dos Beneditinos (Araujo, 2021; Araujo *et al.*, 2023). Os vasilhames cerâmicos artesanais, portanto, foram adquiridos pelos cativos por meio do comércio, seja em feiras ou de comerciantes ambulantes. Os cativos tiveram acesso aos bens materiais tanto a partir do provisionamento pelos proprietários, em termos de alimentos e vestimentas, quanto com base em seus próprios recursos, dado que a eles era concedido um dia da semana e o domingo para trabalharem para seu sustento próprio (Guglielmo, 2011). Uma situação similar foi verificada por Weaver e colegas (2019) em duas fazendas jesuítas em Nazca, Peru, onde estratégias de provisionamento dos jesuítas eram contrapostas pelas estratégias de auto provisionamento dos escravizados, particularmente pela produção cerâmica própria e a manutenção de hortas para consumo próprio. Para o caso da Fazenda do Colégio, o cultivo de roças próprias pelos escravizados era estimulado desde o período dos jesuítas, tratando-se de uma prática comum nas *plantations* do Brasil (Barickman, 1994; Schwartz, 2001). Em adição, aqueles com ofícios especializados podiam ofertar seus serviços para terceiros (Guglielmo, 2011). Os escravizados tinham, assim, a possibilidade de gerar uma renda própria que poderia ser empregada para a satisfação de suas necessidades pessoais e familiares, ou, em casos mais raros, para a compra da alforria.

Pouco sabemos, contudo, sobre as transações comerciais envolvendo as cerâmicas artesanais entre grupos escravizados de consumidores e grupos produtores. Apesar disso, há evidências que os produtores também eram componentes dos segmentos subalternizados da sociedade, compostos por afrodescendentes e mestiços, forros e/ou escravizados, e assim socialmente identificados com a população escravizada do Colégio (Rezende; Symanski, 2022). Nesse sentido, as considerações de Orser (1996) sobre os debates envolvendo a *Colonoware* se mostram adequadas para o caso da Fazenda do Colégio. Orser propõe uma mudança de perspectiva nos trajetos interpretativos desse material, deslocando o foco da questão da identidade dos seus produtores para o entendimento das formas como essas cerâmicas podem ter sido empregadas na construção de culturas de resistência ao colonialismo anglo-americano, e, assim, atuado como artefatos mutualistas vinculados à agência dos grupos subalternizados no interior do sistema colonialista norte-americano. A

perspectiva de Orser é relevante para o caso das cerâmicas artesanais da Fazenda do Colégio, primeiramente pelo fato de ser notório que esse estabelecimento abrigou grupos indígenas e africanos, os quais tiveram que desenvolver mecanismos de coexistência e, assim, construir uma comunidade caracterizada pela subalternidade aos interesses dos proprietários da Fazenda e do próprio sistema escravista e, em segundo lugar, pelo fato de que esses grupos adquiriram seus vasilhames cerâmicos artesanais de outros grupos subalternizados.

CERÂMICAS ARTESANAIS, CONSUMO E CRIOLIZAÇÃO NA FAZENDA DO COLÉGIO

Considerando, portanto, que as cerâmicas artesanais da senzala da Fazenda do Colégio foram adquiridas por meio do comércio (Araujo *et al.*, 2023), é importante considerar as possíveis motivações, valores e necessidades operantes no processo de escolha desses bens por parte das famílias de escravizados. Primeiramente, deve ser destacado que mesmo que os vasilhames cerâmicos artesanais não tenham sido produzidos no interior da senzala, eles consistiram em um importante componente do universo material dessa comunidade, dado que são onipresentes nos contextos datados entre o início do século XVIII e o início do XX. Entre as seis categorias cerâmicas identificadas nas amostras – artesanal, torneada simples, torneada vidrada, faiança, faiança fina e porcelana – as artesanais somente perdem em popularidade para as cerâmicas torneadas simples. As cerâmicas artesanais variam em popularidade entre os treze contextos crono-espaciais estudados, compondo entre 9,21% e 38,13% das amostras cerâmicas, consistindo em 22,13% do total do universo cerâmico em foco (Rezende; Symanski, 2022) (Tabela 2). Conforme será melhor detalhado adiante, essa categoria é representada sobretudo por vasilhames destinados à cocção de alimentos, embora também ocorram peças como tigelas e potes de armazenagem. Já a cerâmica torneada não vidrada varia entre 20,28% e 67,32%, perfazendo acima de 47% em dez dos treze contextos. Esses vasilhames vinculam-se a morfologias destinadas ao serviço e consumo, seguidas por aquelas destinadas ao preparo, armazenamento e transporte e processamento (Siqueira, 2024). A cerâmica torneada vidrada, por sua vez, é basicamente restrita a morfologias destinadas ao serviço e consumo, predominando alguidares, malgas e tigelas (Farah, 2024; Lima, 2017), e, assim, também exercendo funções complementares no universo das cerâmicas de produção local-regional. Faianças, faianças finas e porcelanas perfazem, juntas, 15,71% da amostra cerâmica e também consistem, em sua esmagadora maioria, em peças de serviço e consumo, embora alguns poucos itens de higiene pessoal (urinóis de faiança fina) também estejam presentes.²

² Cabe ressaltar que a quantificação foi feita com base na pesagem dos fragmentos cerâmicos, o que faz com que os dados sejam reveladores do volume total de cada categoria na amostra, não sendo, contudo, representativos do número mínimo de peças referente a cada categoria. Assim, apesar da baixa representatividade das louças importadas, deve se ter em conta que se trata de peças sensivelmente menores que aquelas do universo morfológico das cerâmicas locais/regionais e, conseqüentemente, mais numerosas do que essa mensuração indica.

Tabela 2. Proporção das categorias cerâmicas dos contextos da Fazenda do Colégio.

Área/contexto/ cronologia	Faiança Portuguesa	Faiança Fina	Porcelana	Cerâmica Torneada	Cerâmica Vidrada	Cerâmica Artesanal
NE Camada III c.1700-1750	5,08	0	0,01	67,32	7,31	20,26
NE Feição 2 c.1750-1800	6,42	0,09	0,03	64,73	10,63	18,07
NE Feição 1 inf. c.1800-1825	6,91	0,37	0,21	61,23	15,51	15,74
NE Feição 1 sup. c.1825-1850	3,34	2,88	0,04	64,58	12,34	16,77
NE 0-20 cm c.1850-1930	1,86	11,22	0,25	58,53	9,73	18,37
NW8.3 n3/4 c.1795-1825	5,73	3,77	0	60,26	11,84	18,36
NW8.1n3/4 c.1800-1835	4,02	6,21	0,05	47,73	12,48	29,48
NW8.3n2 c.1825-1850	0,98	13,05	0,35	53,84	4,47	27,28
NW8.1n2 c.1835-1850	6,29	14,46	0,41	23,98	16,71	38,13
NW8.1n1 c.1840-1870	4,91	23,71	0,48	20,28	17,04	33,43
NW8.3n1 c.1850-1875	5,23	32,61	0,27	23,82	17,99	20,05
SE mancha preta c.1835-1850	6,01	25,56	1,7	54,27	2,18	9,21
SE níveis 4/5 c. 1850-1870	2,72	6,93	0,25	62,86	4,58	22,63
Média geral	4,57	10,83	0,31	51,03	10,98	22,13

Elaboração: Luis Symanski.

Verifica-se, assim, uma certa complementaridade funcional entre as cerâmicas artesanais e as torneadas simples e vidradas. Diferentemente das artesanais, as torneadas foram, em grande medida, produzidas na própria fazenda, dada a presença de uma olaria na propriedade desde o período jesuítico, a qual produzia cerâmica construtiva e vasilhames utilitários (Araújo, 1820). Essas cerâmicas, portanto, entraram na senzala através do provisionamento dos proprietários ou de negociações no âmbito de uma economia interna da plantation (Rezende; Symanski, 2022).

Enquanto produtos das escolhas dos grupos escravizados da Fazenda do Colégio, os vasilhames cerâmicos artesanais consistiram em importantes componentes do processo de formação identitária desses grupos, antes do que meros indicadores de identidades estáticas e essencializadas (Allen, 2016; Mullins, 2004). A teoria social recente tem enfatizado a centralidade das práticas de consumo como atos transformativos por meio dos quais “as pessoas comunicam suas posições políticas, sociais e econômicas no mundo, suas aspirações e suas conexões e distinções com relação aos demais” (Heath, 2017, p. 21). Na arqueologia, essa perspectiva articula-se com a abordagem pós-processual, em sua crítica à visão da cultura material como um reflexo passivo do sistema social e, conseqüentemente, do comportamento humano. Considera-

se, assim, que na constituição de seu mundo material, as pessoas são orientadas por motivações, ideais e crenças que são produto tanto de seu contexto social quanto de suas trajetórias históricas únicas. Esse conjunto de valores não é apreensível pela aplicação de uma lógica utilitária, pelo simples fato de que esta insere as pessoas em subgrupos guiados por normas compartilhadas. Essa perspectiva assume, portanto, que os indivíduos, antes que reprodutores passivos das normas do sistema, consistem em agentes cujas escolhas expressam valores e formas de autodefinição, dado que os bens de consumo são empregados para “expressar categorias e princípios culturais, cultivar ideais, criar e sustentar estilos de vida, construir noções do eu, e criar (e sobreviver à) mudanças sociais” (McCracken, 1988, p. 13). Os bens materiais, assim, são meios pelos quais indivíduos e grupos definem e dão sentido ao mundo (Kellar, 2017). Mullins (2004) realça que tais escolhas podem ser consideradas como atos políticos e, dessa forma, os consumidores podem usar o mercado tanto para sustentar quanto para resistir à desigualdade estrutural.

Bloch e Agbe-Davies (2017) utilizam o conceito de pequeno consumismo para se referir à participação dos escravizados das *plantations* dos Estados Unidos no mercado de consumo e, assim, diferenciá-lo do consumo conspícuo das camadas médias e altas da sociedade, propiciado pela Revolução Industrial. As autoras consideram que esse conceito se articula à ideia de pequeno capitalismo, a qual diz respeito à produção de escala reduzida, com baixo capital investido, destinada à esfera local, e geralmente vinculada ao trabalho familiar. O conceito de pequeno consumismo claramente se aplica ao caso das cerâmicas artesanais da senzala da Fazenda do Colégio. Esses itens de produção local eram comercializados, em Campos dos Goytacazes no século XIX, por valores muito inferiores àqueles das louças importadas. Em um levantamento no jornal *Monitor Campista* verificou-se que nas raras ocasiões em que foram informados os preços das *louças de barro*, o valor anunciado foi cinco réis, enquanto as faianças finas importadas variaram de preço entre 200 e 800 réis (Rezende; Symanski, 2022). Assim, esses artefatos circulavam em uma esfera social bem definida, vinculada com os segmentos subalternizados da sociedade, seja na qualidade de produtores, seja na de consumidores, como foi o caso dos escravizados da Fazenda do Colégio. Esses dois grupos eram unidos por meio do que Bourdieu (1984) define como afinidades eletivas, que dizem respeito a gostos social ou culturalmente definidos. Desse modo, as variações no tempo e no espaço observadas nessas amostras cerâmicas são informativas dos câmbios nas formas de consumo e nas próprias relações e influências mútuas entre esses grupos.

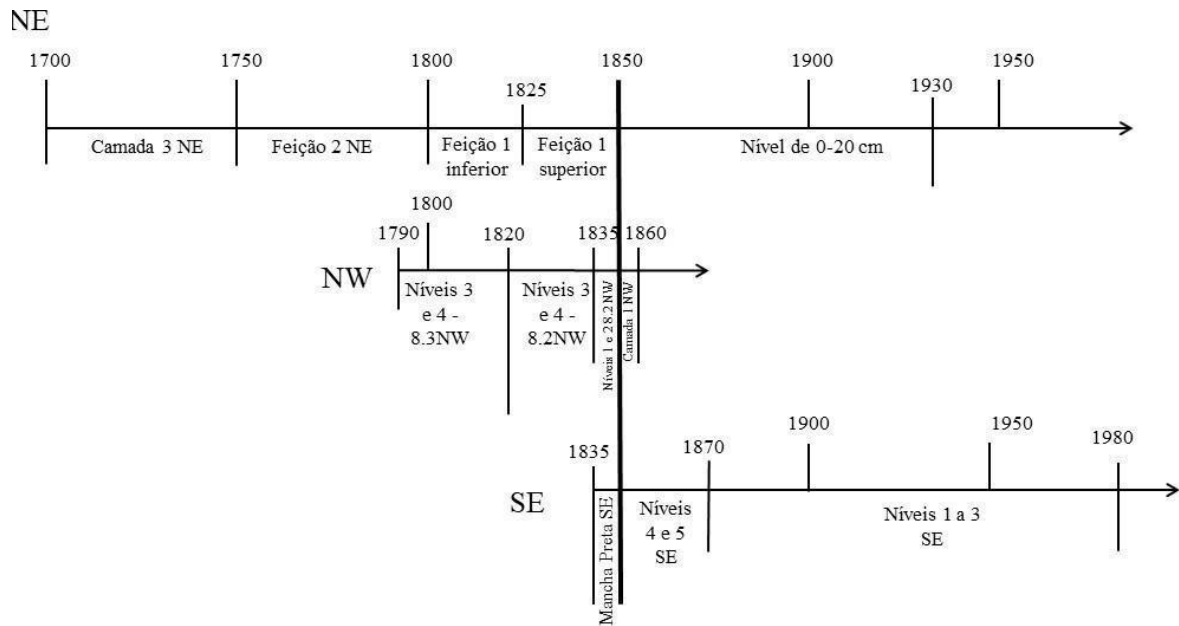
A variabilidade da cerâmica artesanal da Fazenda do Colégio

Conforme informado, os contextos de senzala da Fazenda do Colégio remetem a processos deposicionais que se estendem do começo do século XVIII ao começo do XX, compreendendo, portanto, cerca de 200 anos de ocupações vinculadas aos grupos escravizados. A análise diacrônica da cerâmica artesanal, assim, revela padrões de continuidade e mudança em suas formas de uso e de consumo. Do mesmo modo, é possível analisar comparativamente os contextos contemporâneos, o que permite discussões sobre a variação do uso/consumo dessas peças entre as distintas áreas da senzala. A Figura 3 consiste na linha de tempo das três áreas escavadas, permitindo a visualização dos contextos contemporâneos.

A análise da cerâmica artesanal foi direcionada para os aspectos tecno-funcionais das amostras, visando identificar as características dos vasilhames e as escolhas técnicas das ceramistas. Foram analisados 1842 fragmentos, sendo 486 provenientes do setor SE, 516 do setor NW e 840 do NE. Dessa amostra,

55,24% (n=1014) apresentam queima redutora. Em sua maioria, 85,21% (n=1571) são fragmentos de bojo, seguido por 8,29% (n=152) de bordas e 6,03% (n=110) de fragmentos com apêndices. A técnica do acordelado foi predominante na amostra: 98,55% (n=476) da área SE; 97,86% (n=500) da área NW; e 91,55% (n=764) da área NE. Apenas no setor NE a porcentagem de cerâmicas modeladas é um pouco maior que nas demais, com 8,44% (n=70). A maior parte dos vasilhames apresenta espessura da parede entre 6 e 11 mm (Azevedo, 2019).

Figura 3. Sobreposição das linhas do tempo dos contextos das áreas de senzala.



Elaboração: Paula Azevedo.

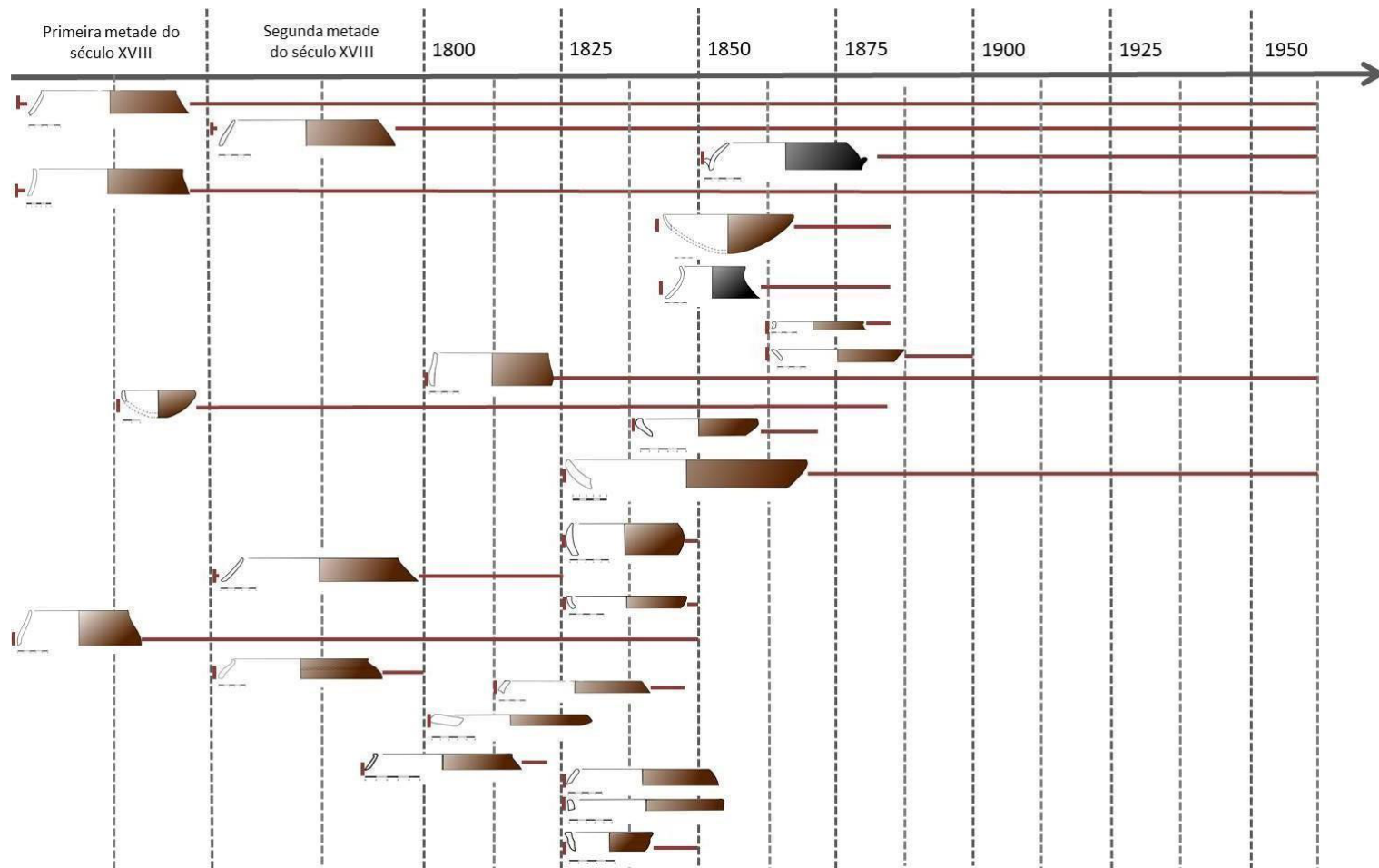
O foco aqui recairá nas relações entre a morfologia e a função dos vasilhames. Foram analisadas 147 bordas que se distribuem em 25 morfologias. Desse conjunto, 15 bordas não permitiram a caracterização morfológica devido ao tamanho do fragmento ou o tipo de quebra apresentado. Em toda a amostra foram identificadas apenas oito bases, todas planas. Foram estabelecidos quatro grupos funcionais: cocção (panelas, tigelas, caçarolas), estocagem (talhas e jarros), serviço e consumo (pratos, copos e tigelas) e multifuncionais. Cabe destacar que algumas morfologias poderiam ter sido usadas para mais de uma função e foram, portanto, colocadas no grupo das multifuncionais. O diâmetro das bordas tendeu a variar de 15 a 30 cm, com apenas 3% com diâmetro superior a 30 cm. Esses fatores, somados às espessuras dos fragmentos (em sua grande maioria entre 6 e 11 mm), demonstram a predominância de vasilhames de médio porte. Na área SE, 48,6% da amostra está entre 18 e 23 cm, e nenhum dos potes tem bordas menores que 12 cm. Já nas áreas NE e NW, há uma maior variedade nos tamanhos dos vasilhames. Na área NW, 46% da amostra tem diâmetro de borda entre 16 e 24 cm. Na área NE, 49% situa-se entre 20 e 26 cm, porém com os diâmetros variando entre 8 e 36 cm. As marcas de fuligem estão presentes em 20% dos fragmentos e 62% das bordas foram associadas a vasilhames destinados à cocção. Dessa forma a amostra caracteriza-se por vasilhames com dimensões medianas e vinculados às práticas alimentares (Azevedo, 2019, p. 83). Esses dados condizem com panelas de limitado volume,

e que poderiam ser utilizadas para produzir alimentos para grupos pequenos de pessoas (4 a 6 indivíduos), o que dá margem para pensar nesses grupos como organizados em pequenos grupos familiares, conforme apontado em pesquisas prévias (Hepp *et al.*, 2019). Desse modo, as escolhas por esses vasilhames foram direcionadas para as necessidades desses grupos domésticos que viviam na senzala.

No primeiro período da sequência cronológica, referente à primeira metade do século XVIII, há somente três padrões morfológicos na amostra (Figura 4). Consistem em vasilhames acordelados, em sua maioria com brunidura na face externa (76,9%) e queima redutora (69,25). Marcas de fuligem ou depósitos de carbono ocorrem em 15,38% dos fragmentos. Trata-se de uma amostra com características similares. Na segunda metade do século XVIII, o número de padrões morfológicos aumenta para sete. Nesse período começam a ocorrer vasilhames modelados, decorações plásticas, e um aumento no número de peças com queima oxidante (de 7% no período anterior para 20%). Já nos contextos do século XIX, a diversidade morfológica aumenta dramaticamente, com 18 formas emergindo nos contextos entre 1800 e 1875, com o ápice entre 1825 e 1850 (Azevedo, 2019).

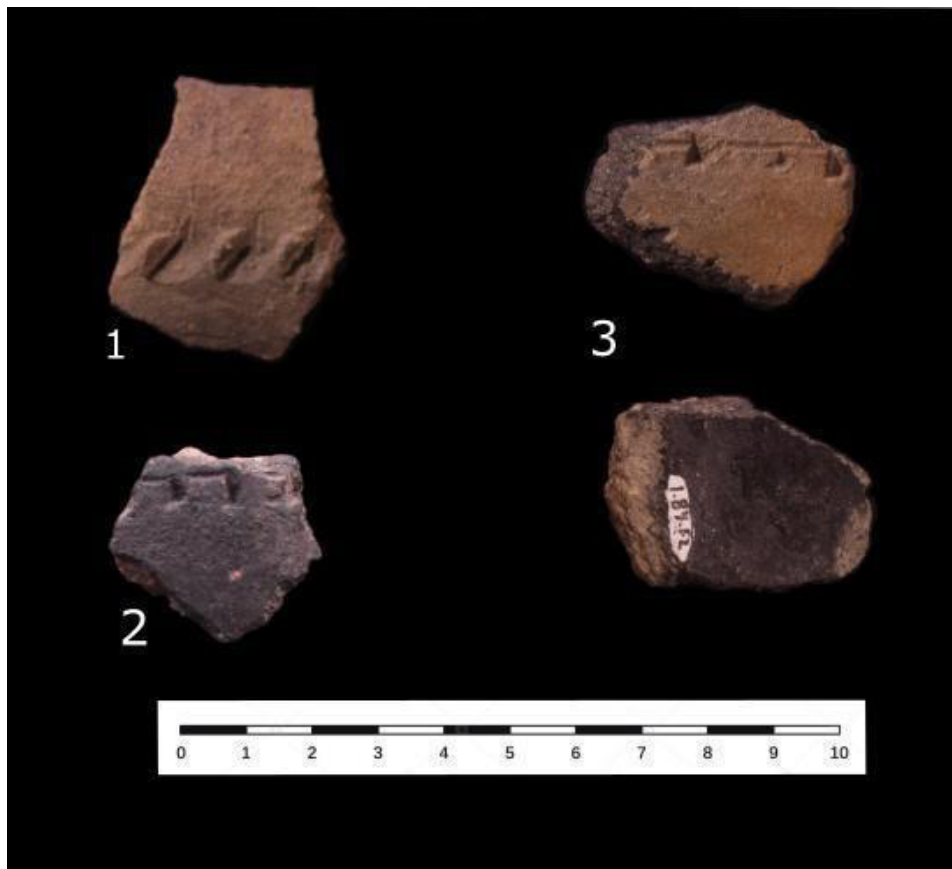
Um aspecto importante diz respeito à dimensão decorativa. As cerâmicas artesanais apresentam decoração exclusivamente plástica, e somente concentrada nos contextos do século XVIII da área NE, com exceção de uma única peça, referente ao século XIX, presente na mesma área. A decoração está presente em somente 22 fragmentos (1,20% dessa amostra), dos quais 21 vinculados exclusivamente à feição 2, que consiste em um contexto cuja acumulação ocorreu durante a segunda metade do século XVIII (Figura 5). Esses 21 fragmentos consistem em 6,30% da amostra cerâmica artesanal da feição 2. As decorações restringem-se a linhas únicas no bojo dos vasilhames (exceto pelo escovado), contendo o mesmo padrão em sequência, nas seguintes técnicas decorativas: beliscado simples, beliscado associado a ungulado, ungulado associado a ponteadado e linha incisa associada a ponteadado (Azevedo, 2019).

Figura 4. Variabilidade temporal dos padrões morfológicos presentes nos contextos de senzala da Fazenda do Colégio.



Autoria: Paula Azevedo.

Figura 5. 1- Beliscado associado ao ungulado; 2- ungulado com ponteados; 3- inciso com ponteados e depósito de carbono na superfície interna. Fragmentos específicos da área NE nível F2 (segunda metade do século XVIII).



Autoria: Paula Azevedo.

Os contextos do século XVIII apresentam, ainda, uma maior diversidade de asas, presentes em fragmentos de borda ou de bojo. Há 107 fragmentos com asas nas três áreas, sendo 20,56% (22) na área NE, 20,56% (22) na área NW e 58,87% (63) na área SE. A representatividade desses apêndices dentro da amostra total de cada setor é de 4,52% na área SE, 4,26% na área NW e 8,18% na área NE. As asas foram classificadas em quatro grupos. O primeiro (Figura 6.1) com uma ‘costura’ consistindo em linhas transversais à direção do rolete, utilizada para fixar o rolete cerâmico ao corpo do vasilhame. É possível que a costura tenha um conteúdo estético, por lembrar uma decoração acanalada. A parte superior dessas asas contém um beliscado o qual, em alguns casos, é complementado por um ungulado. Esse tipo ocorre desde o contexto mais recuado e prossegue até 1870, mantendo-se como o padrão mais popular entre 1700 e 1825. No segundo grupo (Figura 6.2), o ‘costurado’ é substituído por um acabamento alisado, com a parte superior do rolete ainda sujeita à decoração plástica, como o ungulado e o ponteados. Esse padrão ocorre em baixas proporções durante todo o intervalo cronológico das amostras. O terceiro grupo (Figura 6.3) é composto por asas mais finas, com brunidura em ambas as faces e sem decoração plástica. Emergem na amostra nos contextos a partir de 1835, vindo a constituir a categoria dominante nos contextos da segunda metade do século XIX. O quarto grupo (Figura 6.4) diz respeito a asas com tratamentos plásticos diversos e singulares, a exemplo do alisado acompanhado por incisões e ponteados (Azevedo, 2019).

Assim como os vasilhames decorados, o período de maior diversidade das asas também incide sobre a segunda metade do século XVIII, sendo referente à feição 2 da área NE, havendo uma forte correlação entre a diversidade estilística das asas e a diversidade decorativa dos vasilhames presentes no mesmo contexto. Já no começo do século XIX esses elementos decorativos desaparecem, dando lugar a vasilhames cerâmicos cada vez mais esteticamente similares.

Figura 6. Variação dos quatro tipos de asas.



Fotografia: Paula Azevedo.

Há, portanto, nítidos contrastes entre os vasilhames cerâmicos artesanais dos séculos XVIII e XIX. Os contextos do século XVIII, restritos à área NE, apresentam, conforme exposto, uma diversidade morfológica sensivelmente menor, porém, ao mesmo tempo, a quase exclusividade dos atributos decorativos, presentes, por um lado, no corpo de um pequeno percentual dos vasilhames cerâmicos, e, por outro, nas asas dos grupos 1 e 2. Em ambos os casos predominam as técnicas decorativas do beliscado, ungulado e ponteadado. No século XIX, por outro lado, há um aumento exponencial na diversidade morfológica, porém em peças não decoradas e com tratamento de superfície mais uniforme, exclusivamente polido. Desse modo, as variações nos vasilhames setecentistas são mais expressivas no domínio estilístico que no funcional, ao passo que nos oitocentistas restringem-se ao domínio funcional, apontando para uma maior especialização no uso dessas peças. Tratam-se de mudanças muito significativas no universo material desses grupos e que devem ser compreendidas com base na dinâmica da vida social e econômica dessa comunidade em sua interação com a sociedade envolvente. e, assim, com processos históricos que estavam afetando a sociedade como um todo.

Entre continuidades, mudanças, memórias e aspirações: dinâmica identitária, cerâmicas artesanais e outros bens de consumo na senzala

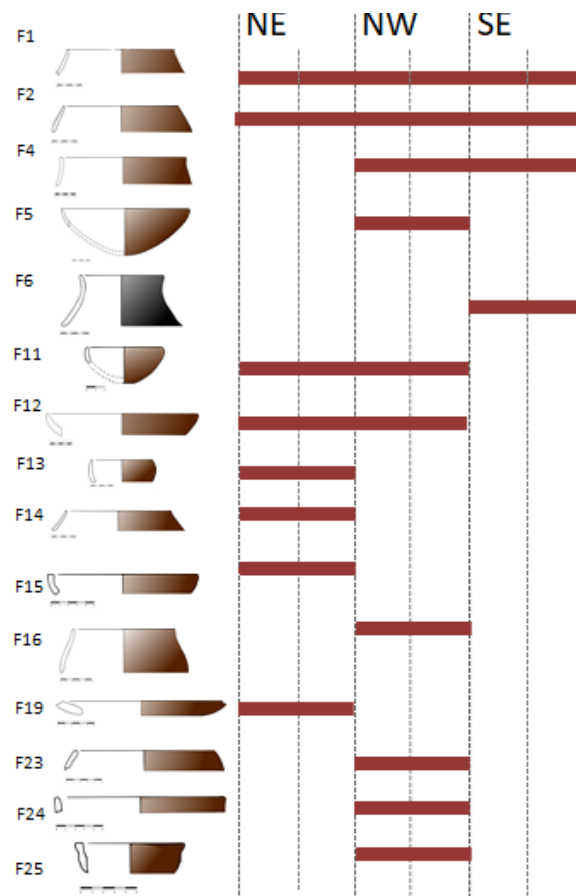
Os conceitos de lastro e ponte, desenvolvidos por McCracken (1988) em suas formulações sobre a significância dos bens de consumo como elementos na construção da identidade, se demonstram adequados para discutir as motivações cambiáveis dos grupos escravizados da Fazenda do Colégio na constituição do seu universo material. Esses conceitos foram empregados por Kellar (2017) para discutir as mudanças na materialidade da comunidade escravizada de uma plantation de açúcar nas antilhas dinamarquesas entre os séculos XVIII e XIX, em um contexto caracterizado pela ausência de provisionamento pelos proprietários, forçando os escravizados a participarem diretamente do mercado local-regional, na qualidade tanto de produtores de gêneros de subsistência quanto de consumidores de bens de uso cotidiano locais e importados.

McCracken (1988) realça o potencial dos bens de consumo na manutenção de ideais e esperanças e, assim, como pontes para o que ele denomina de significados deslocados. Esses significados consistem naqueles ideais de uma cultura ou indivíduo que são discrepantes com o mundo real, sendo assim removidos do cotidiano e realocados em um domínio cultural mais seguro, posto que temporal ou espacialmente distante dos riscos da realidade cotidiana. Esses ideais dizem respeito seja a uma era dourada do passado ou a um mundo aspiracional do futuro. Para o autor, são essas estratégias de deslocamento do significado que permitem aos grupos oprimidos suportar as circunstâncias geradas pela exploração a qual estão sujeitos. O autor também se refere ao conceito de lastro (*ballast*), o qual diz respeito aos bens materiais que publicamente expressam categorias e princípios culturalmente significantes, atuando como símbolos que remetem ao passado e, assim, na manutenção de determinados significados culturais. Esses bens têm uma função estabilizadora ao tornarem esse passado uma parte substancial do presente e, desse modo, impedirem a deterioração das ideias que os agentes mantêm a respeito de si próprios e sobre o mundo que os rodeia. Tais itens permitem, assim, que grupos subalternizados apliquem coordenadas culturais familiares a novas situações às quais são expostos na instabilidade de suas vidas cotidianas (McCracken, 1988).

Ao analisar as amostras cerâmicas dos espaços da senzala da Fazenda do Colégio, o primeiro aspecto que chama a atenção é a grande extensão cronológica dos três padrões morfológicos já presentes no contexto mais temporalmente recuado, referente à primeira metade do século XVIII e que avançam até os contextos do século XX (Figura 4). Dois desses padrões (formas F1 e F2) consistem nos únicos presentes nos três contextos da senzala. A continuidade temporal desses padrões e sua onipresença sugerem que eles podem ter atuado como lastros dessa comunidade, consistindo em denominadores comuns de uma raiz histórica, vinculados às tradições indígenas e africanas, servindo para mitigar as diferenças entre grupos e indivíduos com origens e referenciais culturais variados. Na qualidade de lastros, essas peças podem ter atuado na constituição e na continuidade de uma identidade amplamente partilhada da comunidade. Os demais vasilhames, embora consistindo em inovações mais recentes, também foram importantes elementos na constituição dessa identidade, por serem bens, conforme discutido acima, vinculados aos grupos subalternizados da sociedade escravista, tendo atuado como artefatos mutualistas (Orser, 1996) que contrapunham esses grupos aos brancos colonizadores. Nesse sentido, esses artefatos operaram ao mesmo tempo como pontes, que conectavam os membros dessa comunidade aos segmentos subalternizados livres e escravizados, e como cercas, à medida que delimitavam fronteiras entre essas comunidades e os segmentos brancos dominantes (Kellar, 2017).

Ao analisar o caso da *Colonoware* dos contextos das senzalas setecentistas das *plantations* da Carolina do Sul, Ferguson (1991) observa que as similaridades entre os vasilhames, alisados e sem decoração, são indicativas de um baixo grau de segmentação ou hierarquia entre essas comunidades, tendo servido mais para reforçar sua identidade comum e diferenciá-las dos proprietários brancos, não somente em seus aspectos estilísticos mas também das práticas às quais estavam vinculados, referentes ao preparo e consumo comunal dos alimentos à volta de fogueiras. Para o caso da Fazenda do Colégio, as similaridades entre as cerâmicas artesanais das três áreas da senzala se fazem mais presentes nos aspectos estilísticos e tecnológicos do que nos morfológicos, pois se verifica uma expressiva variação nesta dimensão, dado que cada área apresenta morfologias exclusivas (Figura 7). Essas variações podem dizer respeito tanto a escolhas estéticas quanto funcionais, porém demonstram que a diversidade verificada em outros domínios da vida material desses grupos, como os das louças importadas (Symanski, 2019a), dos ornamentos (Brito, 2023; Sugimatsu, 2017, 2019), e mesmo dos restos alimentares faunísticos (Morais Junior, 2019; Symanski; Moraes Junior, 2016) também se expressa nas cerâmicas artesanais. Ou seja, tratava-se, em todos os casos, de escolhas que, ainda que em termos gerais distinguíssem os grupos escravizados dos segmentos brancos dominantes, diferenciavam materialmente esses grupos no interior do espaço da senzala. Tais escolhas, pelo menos no século XIX, poderiam estar relacionadas à segmentação da comunidade em termos mais sociais do que culturais, provavelmente ao longo de linhas de cor, conforme discutido em trabalho anterior (Symanski, 2019a).

Figura 7. Distribuição dos padrões morfológicos nas áreas SE, NE e NW no período entre 1825 e 1850.

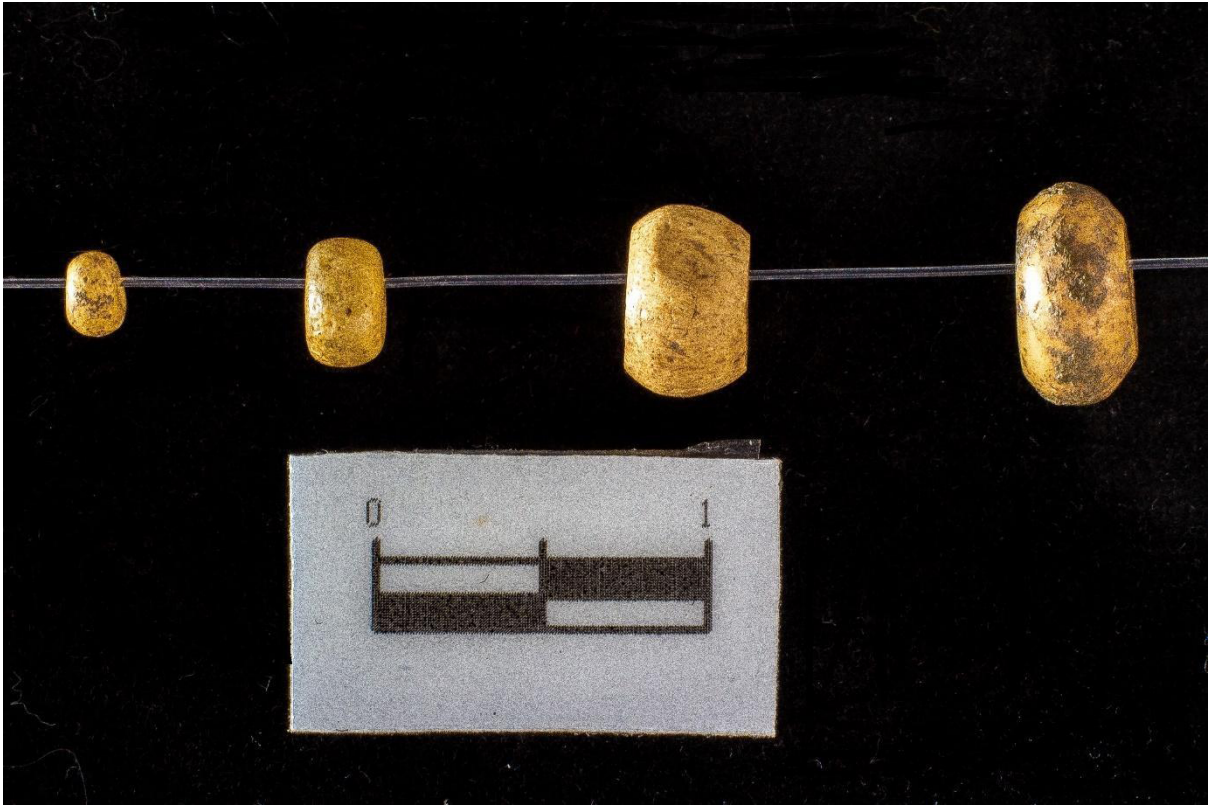


Autoria: Paula Azevedo.

Um fator de diferença temporalmente bem delimitado diz respeito à dimensão decorativa, referente, conforme exposto acima, à decoração plástica sequencialmente aplicada no bojo de um restrito número de vasilhames cerâmicos e, mais frequentemente, nas asas. Esse material está concentrado, sobretudo, no contexto deposicional situado entre 1750 e 1800 da área NE. Esses elementos decorativos remetem mais marcantemente a tradições indígenas do que africanas. Nesse sentido, eles podem ter tido mais apelo para grupos indígenas e com uma ascendência indígena mais direta do que para os africanos. A segunda metade do século XVIII consistiu em um período de grandes transformações na Fazenda do Colégio, dizendo respeito, primeiramente, ao final da gestão jesuítica (1759), seguido pelo período de gestão por representantes da Coroa portuguesa, e, a partir de 1781, como propriedade de Joaquim Vicente dos Reis, que comprou a fazenda com todos seus pertences e cativos. É muito pouco provável que a propriedade tenha recebido africanos após a expulsão dos jesuítas, com o crescimento sendo baseado exclusivamente na reprodução natural no interior da comunidade (Guglielmo, 2011). Nesse sentido, se a miscigenação entre indígenas e africanos já poderia ser notável no período jesuítico, nesse período esse processo tornou-se provavelmente ainda mais intenso, dada a finalização da entrada de africanos na comunidade. Esses vasilhames com decoração plástica, assim, podem ter atuado como lastros sobretudo para o componente indígena da fazenda, remetendo ao passado e servindo para estabilizar sua identidade diferenciada em um contexto altamente cambiante, em que este componente dissolvia-se na miscigenação com o componente africano/afrodescendente dominante. Nesse sentido, essas peças, enquanto vinculadas à estética de um componente particular da senzala, também podem ter atuado como cercas, demarcando fronteiras culturais entre grupos no interior da comunidade.

A área NE tem outra especificidade marcante, vinculada à categoria dos adornos, mais especificamente as contas utilizadas em colares, pulseiras e outros ornamentos corporais, e que traz outros elementos para essa discussão (Figura 8). Enquanto nas áreas NW e SE as contas são exclusivamente de vidro, e se vinculam com uma estética africana e afrodescendente que vigorou não somente no Brasil, mas também no Caribe e na América do Norte, na área NE ocorrem, ao lado das contas de vidro (em número de 49), contas produzidas em madeira e em osso, materiais provavelmente de origem local. Essas contas, em número de 12, todas na cor bege, porém de diferentes tamanhos e padrões morfológicos, se encontram distribuídas desde o nível inicial desse contexto (camada 3), datado do início do século XVIII, até o contexto deposicional superior da feição 1, com intervalo de deposição estimado entre 1825 e 1850. Quatro dessas contas, sendo três de osso e uma de material não identificado, provavelmente cerâmica, provêm da feição 2, referente ao período entre 1750 e 1800, sendo contemporâneas das cerâmicas com decoração plástica (Brito, 2023). O que deve ser considerado é que se as cerâmicas com decorações que remetem a tradições e a uma estética indígena podem ter sido significativas como lastros que operaram na manutenção das identidades de seus usuários, o mesmo pode ser afirmado, ainda com mais determinação, com relação a essas contas, pois elas, diferentemente dos vasilhames cerâmicos que estavam mais restritos à esfera doméstica, acompanhavam e, mais do que ornamentar, constituíam os corpos de seus usuários, expressando publicamente estéticas e valores que lhes eram próprios e, assim, que os diferenciavam dos grupos que ocuparam os dois outros setores da senzala. É interessante notar que enquanto as cerâmicas decoradas são praticamente exclusivas do intervalo entre 1750 e 1800, essas contas produzidas com materiais locais prosseguiram em uso ainda por várias décadas, porém com a tendência de aquelas em ossos serem substituídas pelas de madeira a partir de 1800 (Brito, 2023).

Figura 8. Contas na cor bege de provável produção local da área NE.



Fotografia: Patrícia Brito.

O abandono das cerâmicas artesanais decoradas indica que, no começo do século XIX, as diferenças culturais estavam sendo superadas. Nesse período, a comunidade já era predominantemente constituída por pessoas nascidas na própria fazenda, o que provavelmente fez com que marcadores mais evidentes de diferenças culturais fossem gradativamente abandonados, com aqueles que se mantiveram, a exemplo das contas bege de materiais locais, talvez operando mais como expressões de identidades individuais, vinculadas a trajetórias familiares, do que grupais. Novos marcadores, contudo, agora de natureza social, tornaram-se mais evidentes nesse período. Cabe, nesse sentido, retomar a discussão da variabilidade morfológica das cerâmicas artesanais, agora analisando suas relações com outras categorias materiais presentes nos espaços da senzala.

Conforme discutido, a diversidade morfológica aumentou expressivamente no século XIX, quando emergiram 18 novos padrões, com o ápice ocorrendo entre 1825 e 1850. Há variações entre as áreas, com a SE apresentando quatro padrões morfológicos, a NE oito e a NW dez. Em parte, essa alta diversidade diz respeito ao maior número de contextos oitocentistas e demonstra que os grupos domésticos dessas distintas áreas da senzala optaram por morfologias diferenciadas, embora estilisticamente mais uniformes. Contudo, demonstra também um processo de diversificação gradual. Essa diversificação morfológica é também verificada, ao longo da primeira metade do século XIX, em outras categorias cerâmicas, a exemplo dos vasilhames torneados vidrados (Lima, 2017) e das louças importadas, particularmente as faianças finas (Symanski, 2019a). Ambas as categorias estão vinculadas, sobretudo, a peças de serviço e consumo de alimentos, e demonstram que o domínio das refeições se complexificou nesses espaços de senzala ao

longo do século XIX, com uma maior presença de peças de uso individual e com funções especializadas. No caso das faianças finas, observa-se que os contextos das três áreas de senzala situados no intervalo entre 1825 e 1850/60 são aqueles em que emergem xícaras acompanhadas de pires, peças de servir chá ou café, a exemplo de bules, e peças de serviço de jantar, como travessas e sopeiras. Essa complexificação morfológica das faianças finas corresponde à observada, nesse período, nas residências dos segmentos livres de médio e alto poder aquisitivo e diz respeito à emergência de um modo de vida burguês no Brasil oitocentista, vinculado ao ideal de domesticidade, o qual era expresso na compartimentação crescentemente complexa das residências, na diversificação e especialização do mobiliário e nas louças, talheres e cristais, que apontam para uma maior elaboração, segmentação e individualização das refeições (Lima, 1995, 1996, 1997, 1999; Symanski, 2002). É nesse contexto que, como bem observa Sennet (1999), as mercadorias deixaram de um ter valor estritamente utilitário ou de servirem somente como símbolos de *status*, para serem revestidas de significações pessoais, muitas vezes vinculadas a conjuntos de associações que nada tinham a ver com o seu uso.

Essa complexificação material, evidente sobretudo no segundo quarto do século XIX, é condizente com uma participação mais efetiva no mercado por parte dos grupos escravizados da Fazenda do Colégio em decorrência da mudança de proprietários. Nesse sentido, as amostras do final do século XVIII e começo do XIX, período em que Joaquim Vicente dos Reis era o proprietário da fazenda, indicam padrões de vida material mais restritos no espaço das senzalas. Embora Joaquim Vicente mantivesse uma postura paternalista com relação aos cativos, fornecendo-lhes roupas e alimentos e lhes concedendo tempo para trabalharem para seu próprio sustento (Guglielmo, 2011), as maiores restrições na vida material desses grupos sugerem que estavam sujeitos a um grau mais intenso de controle por parte do proprietário. Tal controle provavelmente refletiu-se em uma maior restrição a seus espaços de autonomia e, por conseguinte, a um menor acesso ao mercado. É após o falecimento de Joaquim Vicente, em 1818, com a transmissão da propriedade para o seu genro, Sebastião Barroso, que se começam a verificar as mudanças materiais mais expressivas nos três contextos de senzala. Essas mudanças, portanto, são indicativas de um maior grau de autonomia econômica, marcado pelo maior investimento em itens domésticos mais diversificados e de maior valor. Nesse período, os cativos provavelmente tiveram mais facilidade para negociar seus espaços de autonomia com o proprietário e, assim, agenciarem para o melhoramento de suas condições materiais de vida, o que poderia incluir o acesso a uma maior extensão de terra para suas roças e uma maior participação no mercado, envolvendo a venda de seus produtos e serviços e a compra de bens de consumo.

Retomemos, agora, as reflexões de McCracken (1988) sobre os bens de consumo como correlatos objetivos de ideais que foram transpostos seja para o passado, seja para o futuro, e que assim dizem respeito aos já referidos significados deslocados. Enquanto referentes do passado, esses objetos remetem a memórias, valores e idealizações, a tempos de existência mais felizes, “[...] invocados pela memória e reencenados na fantasia” (McCracken, 1988, p. 110), como aqueles gozados na África antes da travessia atlântica, ou no Brasil antes da chegada dos colonizadores. Esse é o caso dos vasilhames cerâmicos artesanais, produto de conhecimentos nativos, tecnologias e estéticas indígenas e/ou africanos, bem como de outros bens presentes no espaço das senzalas da Fazenda do Colégio, como as contas, de vidro, osso ou madeira, que adornavam os corpos; os cachimbos, decorados com elementos que remetem a estéticas comuns na África Central e Ocidental; e as conchas de búzios, que poderiam ser utilizadas como ornamentos, amuletos, ou em práticas divinatórias (Symanski, 2020). Os objetos orientados para

o futuro, por sua vez, dizem respeito aos projetos de vida, às aspirações das pessoas. Esses objetos, em muitos casos, estão além do poder de compra dos indivíduos, de modo que, quando adquiridos, consistem em compras excepcionais, propiciadas pelo desejo do indivíduo de possuir uma pequena parte concreta do estilo de vida que ele aspira (McCracken, 1988). Este poderia ter sido o caso das peças de servir de jantar e de chá e, sobretudo, das peças de porcelana, encontradas em baixíssimas proporções nas três áreas de senzala e que demonstrariam a demanda, desses grupos, de participarem de estilos de vida vinculados aos segmentos livres e, assim, a contestação de sua própria condição de escravizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cabe, agora, retornar à questão da criouliização – esse processo de criatividade cultural decorrente do ajustamento de grupos heterogêneos, culturalmente diversificados, à estrutura social e às instituições dos colonizadores – visando articulá-la à esfera do consumo, que consistiu no foco deste trabalho. A análise das diferentes categorias cerâmicas – artesanais, vidradas, e faianças finas importadas – dos espaços de senzala da Fazenda do Colégio revelou uma mesma tendência diacrônica, a qual consistiu em um aumento gradual dos padrões morfológicos através do tempo, com o pico ocorrendo na primeira metade do século XIX. Essas variações foram explicadas, em primeiro plano, como relacionadas a uma maior inserção no mercado, e assim, à conquista de maiores espaços de autonomia, por parte dos escravizados, a partir de 1818, em decorrência da transferência da propriedade de Joaquim Vicente dos Reis para seu genro, Sebastião Barroso, e também como articuladas ao contexto social mais amplo, referente à chegada da modernidade ao Brasil Imperial e à ideologia de privatização e domesticidade vinculada com este processo.

A variabilidade material da senzala dialogou, portanto, com essas tendências socioculturais mais amplas, demonstrando que os grupos escravizados não estavam ilhados, e assim alheios às transformações nos gostos e padrões de comportamento que se processavam a sua volta. Conforme discutido, as cerâmicas artesanais eram produzidas por comunidades ou indivíduos ceramistas, pessoas de baixa renda, libertos ou escravizados, africanos, afrodescendentes e mestiços. Essas pessoas estavam atentas às mudanças no universo material doméstico que se processaram na primeira metade do século XIX e, desse modo, passaram a diversificar sua produção, aumentando, gradativamente, seu repertório morfológico, de modo a produzir formas mais diversificadas e especializadas, seguindo a tendência de segmentação e individualização bem caracterizada para o repertório material dos segmentos médios e altos e expressa nos itens domésticos industrializados importados. Para a comunidade de senzala da Fazenda do Colégio, essa diversificação foi bem-vinda, pois ecoava aquela de outros aparatos vinculados com o universo da alimentação e da vida doméstica cotidiana, como era o caso das louças importadas e das cerâmicas vidradas e, assim, afirmava as demandas desses grupos por um exercício mais amplo de liberdade, relacionado não somente com suas escolhas de consumo, mas a um *status* legal aspirado.

Por meio do consumo, as gerações criouliizadas, mais culturalmente uniformes da senzala da Fazenda do Colégio oitocentista, se referiam tanto aos significados deslocados que remetiam ao passado, vinculados a uma cultura material de teor mais tradicional, que acompanhava esses grupos desde os primórdios da fundação do Colégio, e que servia, assim, para estabilizar suas identidades em um mundo instável e imprevisível, quanto aos significados deslocados referentes ao futuro, expresso pelas porcelanas e faianças finas de maior valor, aquisições excepcionais vinculadas ao mundo livre e das pessoas de posses.

Foi no diálogo entre esses dois mundos, entre as memórias e os valores do passado, que fundamentam o que as pessoas são, e as aspirações e projetos de uma vida futura, em que a liberdade e a estabilidade econômica são os distantes ideais a serem alcançados, que se operou o processo de crioulização na Fazenda do Colégio. Desse modo, o ajustamento dessas pessoas às estruturas objetivas e opressivas do mundo colonial foi cotidianamente negociado entre as memórias e aspirações materialmente expressas nos bens de uso cotidiano.

AGRADECIMENTOS

Este artigo aproveitou-se dos resultados das análises realizadas por Geraldo Pereira de Moraes Júnior, Patrícia Letro de Brito, Nathália Lima, Maurício Hepp, Isabela Suguimatsu, Carolina Siqueira e Rafael Farah. Agradecimentos especiais a Michelle Caroline Oliveira Santos e Karen Daniele Nascimento, pela curadoria do material em laboratório. Tania Andrade Lima e um revisor anônimo deram importantes sugestões à versão anterior deste artigo. Em Campos dos Goytacazes, contamos com o imprescindível apoio do Arquivo Público Municipal Waldyr Pinto de Carvalho, nas pessoas de Carlos Freitas, Rafaela Machado e Larissa Manhães. Por fim, mas não menos importante, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento de diferentes etapas desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINI, Camilla. Painéis e paineleiras de São Sebastião: um núcleo produtor e a dinâmica social e simbólica de sua produção nos séculos XIX e XX. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 4, n. 2, p. 125-144, 2010.
- AGOSTINI, Camilla. *Mundo Atlântico e clandestinidade: dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no Sudeste, século XIX*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- ALLEN, Scott. Afrofatos. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 10, n. 1, p. 93-105, 2016.
- ALMEIDA, Maria. 2013 *Metamorfoses indígenas: identidade e cultura nas aldeias coloniais do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2013.
- AMANTINO, Márcia. Identidades e mestiçagens entre negros e índios e o controle da Companhia de Jesus no Rio de Janeiro colonial. *Perspectivas: Portuguese Journal of Political Science and International Relations*, v. 10, p. 29-44, 2013.
- AMANTINO, Márcia. Reprodução endógena e mestiçagens: os escravos nas fazendas jesuítas na capitania do Rio de Janeiro, 1759-1779. *História e Cultura*, v. 3, n. 2, p. 250-273, 2014.
- ARAÚJO, Cheila Sumenssi de. *Estudo de cerâmicas de senzalas dos séculos XVIII e XIX de Campos dos Goytacazes – RJ por EDXRF e análise multivariada*. Dissertação (Mestrado em Física) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2021.
- ARAÚJO, Cheila Sumenssi de; APPOLONI, Carlos; IKEOKA, Renato; SYMANSKI, Luis. Study of ceramics from Brazilian slave quarters of the XVIII and XIX centuries by EDXRF and multivariate analysis. *Applied Radiation and Isotopes*, v. 191, p. 1-8, 2023.
- ARAÚJO, José. *Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do Vice-Rei do Estado do Brasil*. Rio de Janeiro: Imprensa Régia, 1820.

- AZEVEDO, Paula de Aguiar Silva. *Do barro às panelas de cozer: variabilidade das cerâmicas artesanais na senzala da Fazenda do Colégio dos Jesuítas, Campos dos Goytacazes – RJ*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.
- BARICKMAN, B. J. “A bit of land which they call roça”: slave provision grounds on sugar plantations and cane farms in the Bahian Recôncavo, 1780-1860. *Hispanic American Historical Review*, v. 74, n. 4, p. 649-687, 1994.
- BLOCH, Lindsay; AGBE-DAVIES, Anne. “With sundry other sorts of small ware too tedious to mention”: petty consumerism on U. S. plantations. In: HEATH, Barbara; BREEN, Eleanor; LEE, Lori (org.) *Material worlds: archaeology, consumption, and the road to modernity*. Londres (UK): Routledge, 2017. p. 186-217.
- BOURDIEU, Pierre. *Distinction: a social critique of the judgement of taste*. Cambridge: Harvard University Press, 1984.
- BRITO, Patrícia. *Entre contas e corpos: criouliização e negociações estéticas em contextos de escravizados do Sudeste, séculos XVIII e XIX*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- CASAL, Manuel. *Corografia brasilica ou relação historico-geografica do Reino do Brazil Composta e dedicada a sua magestade*. Rio de Janeiro: Impressão Régia, 1817.
- COUTO REIS, Manuel. *Manuscritos de Manoel Martins do Couto Reis 1785: descrição geográfica, política e cronográfica dos distritos dos Campos dos Goytacazes*. Rio de Janeiro: Fundação Cultural Jornalista Oswaldo Lima, 2011.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. Dados para o povoamento não Tupi Guarani do estado do Rio de Janeiro. Relações arqueológicas e etnográficas. *Boletim do Instituto de Arqueologia Brasileira*, v. 8, p. 11-24, 1979.
- DIAS JUNIOR, Ondemar. A cerâmica neobrasileira. *Arquivo do IAB. Textos Avulsos*, n. 1, p. 3-13, 1988.
- FARAH, Rafael. Entre alguidares e tigelas: a variabilidade morfológica da cerâmica vidrada na fazenda do Colégio de Campos dos Goytacazes entre 1790 e 1920. *VIII Reunião da SAB Sudeste, Caderno de Resumos*, p. 138, 2024.
- FARIA, Sheila. *A colônia em movimento*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FERGUSON, Leland. Struggling with pots in colonial South Carolina. In: MCGUIRE, Randall H.; PAYNTER, Robert (org.) *The archaeology of inequality*. Oxford (UK): Blackwell, 1991. p. 28-39.
- FERGUSON, Leland. *Uncommon ground: archaeology and early African Americans 1650-1800*. Washington, DC (US): Smithsonian Press, 1992.
- GOMES, Flávio dos Santos. Planícies Goitacazes, séculos XVIII e XIX: da escravidão africana atlântica ao campesinato no imediato pós-abolição. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos (Org.), *Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 29-58.
- GOMES, Flávio dos Santos; SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Senzalas, criouliização e cultura material: uma proposta de arqueologia histórica em fazendas escravistas, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII e XIX. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; MACHADO, Maria Helena (org.). *Emancipação, inclusão, exclusão: desafios do passado e do presente*. São Paulo: EDUSP, 2018. p. 215-236.

- GUGLIELMO, Mariana Gonçalves. *As múltiplas facetas do vassalo “mais rico e poderoso de Portugal no Brasil”*: Joaquim Vicente dos Reis e sua atuação em Campos dos Goitacazes (1781-1813). Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- HALL, Gwendolyn Midlo. *Slavery and African ethnicities in the Americas: restoring the links*. Chapel Hill (US): The University of North Carolina Press, 2005.
- HAUSER, Mark; DECORSE, Christopher. Low-fired earthenwares in the African diaspora: problems and prospects. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 7, n. 1, p. 67-99, 2003.
- HEATH, Barbara. Yabbas, monkeys, jugs and jars: an historical context for African-Caribbean pottery on St Eustatius. In: HAVISER, Jay (org.). *African sites archaeology in the Caribbean*. Princeton (US): Markus Wiener Publisher, 1999. p. 196-220.
- HEATH, Barbara. An historical archaeology of consumerism: re-centering objects, re-engaging with data. In: HEATH, Barbara; BREEN, Eleanor; LEE, Lori (org.). *Material worlds: archaeology, consumption, and the road to modernity*. Londres (UK): Routledge, 2017. p. 19-30.
- HEPP, Maurício; AZEVEDO, Paula; MONTEIRO, Victor. Práticas e usos da cerâmica artesanal na senzala do Colégio dos Jesuítas. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 105-134.
- HERSKOVITS, Melville. *The myth of the negro past*. Boston (US): Beacon Press, 1941.
- JACOBUS, André. *Resgate arqueológico e histórico do Registro de Viamão (Guarda Velha, Santo Antônio da Patrulha – RS)*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1997.
- KELLAR, Elizabeth. Identity, choice, and the meaning of material culture: two distinct villages on one Danish West Indies sugar state. In: HEATH, Barbara; BREEN, Eleanor; LEE, Lori (org.). *Material worlds: archaeology, consumption, and the road to modernity*. Londres (UK): Routledge, 2017. p. 346-375.
- LAMEGO, Alberto. *A planície do solar e da senzala*. Rio de Janeiro: Livraria Católica, 1934.
- LIMA, Nathália. *Em torno da senzala: a variabilidade morfológica da cerâmica vidrada em uma senzala oitocentista*. Monografia (Bacharelado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.
- LIMA, Tania. Pratos e mais pratos: louças domésticas, divisões culturais e limites sociais no Rio de Janeiro, século XIX. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 3, p. 129-191, 1995.
- LIMA, Tania. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências, Saúde*, v. 2, n. 3, p. 46-98, 1996.
- LIMA, Tania. Chá e simpatia: uma estratégia de gênero no Rio de Janeiro oitocentista. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 5, n. 1, p. 93-129, 1997.
- LIMA, Tania. El huevo de la serpiente: una arqueología del capitalismo embrionario en el Rio de Janeiro del siglo XIX. In: ZARANKIN, Andrés; ACUTO, Félix (org.). *Sed non satiata: teoría social en la arqueología latinoamericana contemporánea*. Buenos Aires (AR): Ediciones del Tridente, 1999. p. 189-238.
- MANFRINI, Marcelo. Variabilidade decorativa na cerâmica paulista colonial: influências e resistências. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 37, p. 178-203, 2021.

- MANN, Kristin. Shifting paradigms in the study of the African diaspora and of Atlantic history and culture. *Slavery and Abolition*, v. 22, n. 1, p. 3-21, 2001.
- MCCRACKEN, Grant. *Culture and consumption: new approaches to the symbolic character of consumer goods and activities*. Indianapolis (US): Indiana University Press, 1988.
- MELLO, Louise Cardoso de. Juntando cacos: persistência e reexistência nas práticas cerâmicas no Vale do Guaporé. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 19, n. 37, p. 92-123, 2022.
- MINTZ, Sidney. PRICE, Richard. *The birth of African American culture: an anthropological perspective*. Boston (US): Bacon Press, 1992.
- MORAIS JUNIOR, Geraldo. SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira. Identidades y practicas alimentarias en la comunidad esclavizada del Colégio de los Jesuítas de Campos dos Goitacazes (Rio de Janeiro). *Revista de Arqueología Histórica Argentina y Latinoamericana*, v. 13, n. 1, p. 33-56, 2019.
- MORALES, Walter. A cerâmica “neo-brasileira” nas terras paulistas: um estudo sobre as possibilidades de identificação cultural através dos vestígios materiais na vila de Jundiá do século XVIII. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 11, p. 165-188, 2001.
- MULLINS, Paul R.. Ideology, power, and capitalism: the historical archaeology of consumption. In: MESKELL, Lynn. PREUCCEL, Robert W. (Orgs.). *The Blackwell Companion to Social Archaeology*. Oxford: Blackwell, p. 195-212, 2004.
- MUNSBURG, Suzana. *Dos seiscentos aos oitocentos: estudo da variabilidade estilística da cerâmica durante os processos de construção e reconfiguração das identidades paulistas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.
- NOELLI, Francisco; SALLUM, Marianne. Comunidades de mulheres ceramistas e a longa trajetória de itinerância da cerâmica paulista. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, v. 34, p. 132-153, 2020.
- ORSER, Charles. *A historical archaeology of the modern world*. Nova York (US): Plenum Press, 1996.
- OSCAR, João. *Escravidão e engenho*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1985.
- PEIXOTO, Sílvia; LIMA, Tania. Engenho do Camorim: arqueologia de um espaço açucareiro no Rio de Janeiro Seiscentista. *Revista de Arqueologia*, v. 33, p. 98-125, 2020.
- REZENDE, Rodrigo; SYMANSKI, Luis. Olarias, escravidão e a dinâmica da produção, circulação e consumo de vasilhames cerâmicos em Campos dos Goytacazes no século XIX. *Anais do Museu Paulista*, v. 30, p. 1-57, 2022.
- RIBEIRO, Rafaela. *O negro e seu mundo: vida e trabalho no pós-Abolição em Campos dos Goytacazes (1883-1893)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Norte Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2012.
- SAINT-HILAIRE, August. *Viagem pelo distrito dos diamantes e litoral do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1941.
- SCHWARTZ, Stuart. *Escravos, roceiros e rebeldes*. Bauru: EDUSC, 2001.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SINGLETON, Theresa; BOGRAD, Mark. Breaking typological barriers: looking for the Colono in Colonoware. In: DELLE, James; MROZOWSKI, Stephen; PAYNTER, Robert (org.). *Lines*

- that divide*: historical archaeologies of race, class, and gender. Knoxville (US): The University of Tennessee Press, 2000. p. 3-21.
- SINGLETON, Theresa; SOUZA, Marcos. Archaeologies of the African diaspora: Brazil, Cuba, and the United States. In: MAJEWSKI, Teresita; GAIMSTER, David (org.). *International handbook of historical archaeology*. Nova York (US): Springer, 2009. p. 449-469.
- SIQUEIRA, Carolina. Variabilidade morfológica na cerâmica torneada de Campos dos Goytacazes oitocentista: persistências e alteridades. *VIII Reunião da SAB Sudeste, Caderno de Resumos*, p. 137, 2024.
- SOARES, Márcio. *A remissão do cativo*: a dádiva da alforria e o governo dos escravos nos Campos dos Goytacases, c. 1750-c. 1830. Rio de Janeiro: Apicuri, 2009.
- SOUZA, Marcos. Esencializando las cerámicas: culturas nacionales y prácticas arqueológicas em América. In: ZARANKIN, Andrés; ACUTO, Félix (org.). *Sed non satiata*: teoria social en la arqueología latinoamericana contemporánea. Buenos Aires (AR): Ediciones del Tridente, 2008. p. 141-155.
- SOUZA, Marcos. When all bases are flat: Central-Africans and situated practices in the eighteenth-century Brazil. In: FUNARI, Pedro Paulo; ORSER JUNIOR, Charles (org.). *Current perspectives on the archaeology of African slavery in Latin America*. Springer: New York, 2015. p. 77-97.
- SOUZA, Marcos; AGOSTINI, Camilla. Body marks, pots and pipes: some correlations between African scarifications and pottery decoration in eighteenth and nineteenth-century Brazil. *Historical Archaeology*, v. 46, n. 3, p. 102-123, 2012.
- SOUZA, Marcos; LIMA, Tania. Hibridismo e inovação em cerâmicas coloniais do Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. *Urbania*, v. 5, p. 21-60, 2016.
- SOUZA, Marcos; SYMANSKI, Luís. Slave communities and pottery variability in Western Brazil: the plantations of Chapada dos Guimarães. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 13, p. 513-548, 2009.
- SUGUIMATSU, Isabel. O vestuário dos escravos entre representação e materialidade. *Habitus*, v. 15, n. 2, p. 221-240, 2017.
- SUGUIMATSU, Isabela. Para além de algemas e grilhões: os objetos de vestuário e ornamentação dos escravos. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Arqueologias da escravidão e liberdade*: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX. Curitiba: Brazil Publishing, 2019. p. 155-192.
- SYMANSKI, Luís. Louças e autoexpressão em regiões centrais, adjacentes e periféricas do Brasil. In: ZARANKIN, André; SENATORE, Maria Ximena (org.). *Arqueologia da sociedade moderna na América do Sul*: cultura material, discursos e práticas. Buenos Aires (AR): Ediciones del Tridente, 2002. p. 31-62.
- SYMANSKI, Luís. The place of strategy and the spaces of tactics: structures, artifacts, and power relations on sugar plantations of West Brazil. *Historical Archaeology*, v. 46, n. 3, p. 124-148, 2012.
- SYMANSKI, Luís. Cerâmicas, linhas de cor e a negociação do espaço social no Colégio dos Jesuítas. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Arqueologias da escravidão e liberdade*: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX. Curitiba: Brazil Publishing, 2019a. p. 69-104.

- SYMANSKI, Luís. As pesquisas arqueológicas no Colégio dos Jesuítas. In: SYMANSKI, Luís Cláudio Pereira; GOMES, Flávio dos Santos (org.). *Arqueologias da escravidão e liberdade: senzalas, cultura material e pós-emancipação na Fazenda do Colégio, Campos dos Goytacazes, séculos XVIII a XX*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019b. p. 59-68.
- SYMANSKI, Luís. Cosmologias e materialidade: um estudo comparativo das senzalas do Sudeste e Oeste do Brasil. In: KERN, Maria Lucia; MACEDO, José Rivair (org.). *Triângulo atlântico: fluxos, memórias, práticas culturais e artísticas*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2020. p. 115-130.
- SYMANSKI, Luís; GOMES, Denise. Material culture, mestizage, and social segmentation in Santarém, Northern Brazil. In: FUNARI, Pedro; SENATORE, Maria (org.). *Archaeology of culture contact and colonialism in Spanish and Portuguese America*. Nova York (US): Springer, 2015. p. 199-217.
- SYMANSKI, Luís; HIROOKA, Suzana. Engenho Bom Jardim: cultura material e dinâmica identitária de uma comunidade escravizada no Mato Grosso. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, v. 7, p. 23-72, 2013.
- SYMANSKI, Luis; MORAIS JUNIOR, Geraldo. Alimentação, socialização e reprodução cultural na comunidade escravizada do Colégio dos Jesuítas de Campos dos Goytacazes (RJ). In: SOARES, Fernanda Codevilla (org.). *Comida, cultura e sociedade: arqueologia da alimentação no mundo moderno*. Recife: Editora Universitária UFPE, 2016. p. 95-112.
- THORNTON, John. *Africa and Africans in the making of the Atlantic world*. Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1998.
- TRINDADE, Cleide; SOUZA, Marcos. A cerâmica colonial do Vale do Macacu, Rio de Janeiro: uma perspectiva diacrônica. *Cadernos do LEPAARQ*, v. 9, n. 37, p. 302-325, 2022.
- WEAVER, Brendon; MUÑOZ, Lizette; DURAND, Karen. Supplies, status, and slavery: contested aesthetics of provisioning at the Jesuit haciendas of Nasca. *International Journal of Historical Archaeology*, v. 23, p. 1011-1038, 2019.
- ZANETTINI ARQUEOLOGIA. *Programa de prospecção e resgate arqueológico do Sítio Arqueológico Pinheiros 2: relatório final*. São Paulo: CERN - Consultoria e Empreendimentos de Recursos Naturais Ltda, 2012.
- ZANETTINI, Paulo. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ZANETTINI, Paulo; WICHERS, Camila. A cerâmica de produção local/regional na São Paulo colonial. In: MORALES, Walter; MOI, Flavia Prado (org.). *Cenários regionais em arqueologia brasileira*. São Paulo: Editora Annablume, 2009. p. 311-334.